

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

# Terçanabal e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945



TERÇANABAL  
E A «ESCOLA DE SAGRES»



ALGUMAS OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR:

- DROGAS E FARMACOPÉIA (tese inaugural de Medicina), Lisboa, 1916.
- SÔBRE O POETA JOÃO LÚCIO (conferência), Faro, 1921.
- LES CONCERTS HISTORIQUES DU «RENASCIMENTO MUSICAL» (in *La Revue Musicale*, Novembre 1924), Paris.
- LA VIE MUSICALE À LISBONNE (in *La Revue Musicale*, Mai 1925 e Février 1926), Paris.
- LES DEUX DERNIÈRES SAISONS MUSICALES (in *La Revue Musicale*, Novembre 1927), Paris.
- MÚSICA LATINA E MÚSICA PORTUGUESA (in *De Música*, n.º 3), Lisboa, 1930.
- ESCALAS DIATÓNICAS (in *De Música*, n.º 4), Lisboa, 1931.
- CONCÉRTO AUSTRIACO (in *Divulgação Musical*, de Ema Fonseca, vol. II), Lisboa, 1934.
- REVISÃO COLOMBINA (série de 14 artigos, in *O Diabo*), Lisboa, 1935 a 1937.
- MÚSICA DE CÂMARA DE FLORENT SCHMITT (in *Divulgação Musical*, vol. III), Lisboa, 1936.
- CRISTÓFORO COLOMBO E CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 468), Lisboa, 1936.
- CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 473), Lisboa, 1936.
- DO «MARAVILHOSO PAGÃO» EM GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 494), Lisboa, 1937.
- NOVA CHAVE PARA O «VERSO ENIGMA» DE GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 517), Lisboa, 1937.

- QUATRO ILHAS DOS AÇÓRES: S. LUÍS, S. DINIS, S. TOMÁS, SANTA IRIA (in *Petrus Nonius*, vol. I, fasc. 3), Lisboa, 1937.
- DUARTE PACHECO E O OCEANO PACÍFICO (in *Petrus Nonius*, vol. II, fasc. 1), Lisboa, 1938.
- EM FAVOR DO PLANO HENRIQUINO DAS ÍNDIAS (breve nota preliminar, ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo), Lisboa, 1938.
- NOVA HISTÓRIA DO PRIMEIRO DESCOBRIMENTO COLOMBINO (série de 7 artigos, in *Seara Nova*, n.ºs 542 a 576), Lisboa, 1938.
- A MELODIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA: MIGOT, DUREY, RAVEL (in *Divulgação Musical*, vol. IV), Lisboa, 1938.
- COLABORAÇÃO PORTUGUESA NO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA NÃO-BRASILEIRA (in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. II), Lisboa, 1939.
- A MÚSICA NOS AUTOS DE GIL VICENTE (in *Divulgação Musical*, vol. V), Lisboa, 1940.
- COLOMBO [Bartolomeu, Cristóvão, Diogo, Fernando, Giacomo] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VII), Lisboa, 1941.
- O ALGARVE E O INFANTE D. HENRIQUE (in *Boletim da Junta de Província do Algarve*, número comemorativo dos Centenários), Lisboa, 1943.
- DO GERMANISMO EM ANTERO (in *Atlântico*, n.º 4), Lisboa, 1943.
- FADO [história musical] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X), Lisboa, 1944.
- NOVO SISTEMA DE TRANSLITERAÇÃO ARÁBICO-LATINA (comunicação ao Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942), Porto, 1945.
- A MÚSICA DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA E O PROBLEMA DA SUA DECIFRAÇÃO [comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdoba, 1944] (in *Brotéria*, Janeiro, 1945), Lisboa.



CADERNOS DA «SEARA NOVA»  
ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

# Terçanabal e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945



Falecido o inclito Infante D. Henrique, em 13 de Novembro de 1460 como é sabido, «aquela honrada vila» que mandara fazer «ao cabo de S. Vicente», à qual pusera o nome de *Vila do Infante* e aonde nos derradeiros meses da sua vida se recolhera—verdadeiro solitário de Sagres—, não só estacionara na sua construção, começada haveria uns quinze anos, mas, pelo abandono a que foi sendo votada, se foram arruinando os poucos edifícios que já lá se erguiam... Ficaram, por certo, as muralhas «que eram de boa fortaleza», como diz Zurara; embora no que hoje lá se vê, reconstruído ou ampliado, apenas a base da tôrre que actualmente serve de cavaleiro tenha sobrevivido às várias causas de destruição.

Entre os restos ou vestígios de alicerces ou paredes dispersas, sôbre o Promontório de Sagres, pelo interior da fortaleza, nada, a não ser uma construção pequena, ermida ou igreja, de tipo romano-gótico simples, denunciaria ligação com a actividade do Infante; mas não é impossível, ma-



nifestamente, que, reconstruída em parte, lhe tivesse servido de habitação ali a modesta casa a que a tradição se ligou.

De *Observatório astronómico*, de *Palácio* propriamente, de edificio de *Escola Náutica*, de *Tercena Naval*, — nada subsistia já, há um século, em 1840, quando o Comandante Possollo fôra encarregado de dirigir a colocação da lápide — (que lá está por cima da porta interior do túnel de entrada) — destinada a «consagrar à eternidade» aquêles lugares em que, como se acreditava então e na mesma lápide se encontra inscrito, o Infante fundara, à sua custa: o palácio da sua residência, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval, — enfim o quarteto fantasmagórico relacionado com a sua actividade de «primeiro inventor» das navegações «para o meio-dia das terras dos Negros da Baixa Etiópia», no conhecido dizer de Cadamosto.

Em Sagres, subsiste, é verdade, uma enigmática, quasi imperceptível grande roda, com os raios formados por pedras dispostas em linha interrompida a partir de uma pedra central, pedras quasi rentes ao chão, no terreiro, à esquerda de quem entra na fortaleza; e nisso se tem querido ver uma enorme *rosa dos ventos*, com os seus 32 raios... Porém não só os ângulos ao centro são desiguais, como absurdo seria, para o ensino pratico ter usado de uma tão monstruosa e defeituosa figuração, quando a rosa dos ventos se poderia desenhar nitidamente em qualquer parte onde

fôsse visível, para a aprendizagem colectiva ou individual dos marinheiros. Esta descoberta da pretensa «rosa dos ventos» terá menos de um século; o Comandante Possollo não a assinalou, em todo o caso, entre os restos de edificios ou outros vestígios que fôra encarregado de pesquisar e que mencionou no seu notável relatório.

Não foi, de resto, sobre a base desta ignorada «rosa dos ventos» que se architectou a existência da famosa *Academia* ou *Escola* de Sagres.

Como se formou pois a lenda?

Morrera o Infante, e seguiram-se os relatos dos servidores — como Diogo Gomes — e dos cronistas, com João de Barros à testa. Zurara escrevera ainda em vida do Infante; e, se retocou a sua *Crónica de Guiné* depois de êle morto, não fala, todavia, mais que da vila em construção e da coíça que despertava nos estrangeiros, e do que se dizia «segundo o comum entender», nada referindo quanto a escola náutica, observatório, palácio ou terciena... Diogo Gomes igualmente é mudo. Duarte Pacheco no seu *ESMERALDO*, meio-século depois de falecido o Infante, é equivoco, manifestamente, com a simples menção da «sua vila de Terça Naval situada sobre angra de Sagres, que hoje em dia ali está fundada».

Com João de Barros, em 1552, na *Primeira Década da Ásia* é que se insinua a base da fantasmagoria, ao falar da «vila que novamente fundara no reino do Algarve, na Angra de Sagres, a



que pôs nome Terçánabal e ora se chama a Vila do Infante». Barros estaria bem longe da idéa de qualquer *escola náutica* com carácter científico, porquanto, acentuando as deligências que o Infante fazia para ter informação das terras que visava, não só refere que o julgavam «exortado por oráculo divino», mas éle próprio se inclina a julgar que a empresa dos descobrimentos «mais lhe fôra revelada que por éle movida».

Na sua *Crónica do Príncipe D. João* (1.<sup>a</sup> ed. 1567), um século portanto depois de falecido o Infante, é Damião de Góis, quem, segundo parece, reagindo decididamente contra a corrente que considerava o Infante inspirado por divina revelação (e na qual enfileirara Pacheco e também Barros), fornece, no seu racionalismo humanista, apoio decisivo à fantasmagoria: «E porque além de éle ser mui arriscado cavaleiro era mui dado ao estudo das letras, principalmente da Astrologia e Cosmografia, para melhor exercitar tão virtuosas artes, depois que tornou do cerco de Seuta, escolheu sua morada e residência em uma parte do Algarve, no Cabo de S. Vicente (...), em o qual sitio de Sacres fundou o Infante uma Vila de novo, a que pôs nome Terça Nabal, a que também chamam a Vila do Infante, e dali determinou de mandar navios ao longo da Costa de A'frica com tenção de chegar ao fim de seus pensamentos que era descobrir destas partes occidentais a navegação para a Índia Oriental, a qual sabia por certo que fôra já em outros tempos achada».

Além da teorização attribuindo ao Infante «o plano das Índias» — questão controversa ainda fortemente —, tornava-se assim Góis o lógico inventor de um Infante ultrapassando em sabedoria científica as proporções que na realidade terá tido a sua figura de propulsor, mais ou menos bem informado, — outra questão rijamente debatida ainda; e daqui derivava já, pelo mesmo pendor lógico, a necessidade de admitir, na vila que fundara em Sagres, além do natural *palácio*, a *escola náutica*, o *observatório astronómico* e... a *tercena naval*! Sobretudo: não seria, esta, indubitável, ali, — tanto que, precisamente, caracterizara a Vila, *Terça Nabal* chamada pelo Infante? Se mesmo o resto poderia ser suposição, o nome *Terça Nabal*, eloquentíssimo, é que implicava um facto... E, um século depois, a filologia do ilustre e sabedor D. Francisco Manuel de Melo completaria a obra...

Efectivamente, em 1660, numa das suas célebres «Epanáforas», D. Francisco Manuel, attribuindo ao Infante largos estudos de matemáticas e cosmografia, e copiosa informação, recolhida em A'frica, de judeus e moiros, acêrca das remotas terras orientais e das suas costas e mares, segue dõcilmente Góis quanto ao estabelecimento do Infante no Algarve «para melhor executar seus propósitos», refinando de precisão com o dizer que «em a Angra de Sagres (...) fundou uma vila, em ordem à sua assistência e maior cómodo das navegações que intentava: à qual deu por nome *Terça*



*Nabal*, quasi Nabal Tercena; denotando o exercício para que a havia levantado». E, desentranhando-se em filológicas aproximações entre *Darsena* e *Arsenal* dos venezianos, *Ataraçana* dos espanhóis, e a nossa *Tercena* ou *Taraçana* e em etimologias pérsicas e hebraicas, a fim de «que se veja com quanta erudição aquêlê sábio Príncipe pôs o nome à sua vila: *Terçana Nabal* ou *Terça Nabal*», «que depois, em mais português e grato modo, foi dita: *Vila do Infante*», terminava, como Góis, dizendo que dali começara D. Henrique novas conquistas e descobrimentos...

Um século depois, a lenda aparece-nos definitivamente entronizada com a panegirica «Vida do Infante D. Henrique, escrita e dedicada à Magestade Fidelíssima de El-Rey D. Joseph 1.<sup>o</sup> N. S.», pelo arcádico *Cândido Lusitano* (Francisco José Freire) — (Lisboa, 1758). ; Que admiração, portanto, que no preâmbulo da lei de 7 de Março de 1761 que estabeleceu o Colégio Real dos Nobres se dissesse que «por efeito dos estudos e da companhia que o memorável Infante D. Henrique estabeleceu e fundou na vila de Sagres e na cidade de Lagos, para a Astronomia, Geografia, Navegação e Comércio marítimo» é que se haviam formado «os muitos Sábios, e famosos Varões» que nos reinados subseqüentes haviam dilatado, com seus ilustres feitos, os domínios da Coroa! ; E que admiração, finalmente, que não só o sisudo nacionalista fervoroso, o poeta António Ribeiro dos Santos, exaltasse em verso o *Terçanabal* e asse-

verasse em prosa, a respeito dos trabalhos científicos do Infante em Sagres: «Ali erigiu um *Observatório Astronómico*, o primeiro que tivemos: chamou a si muitos homens sábios, capitães animosos, pilotos experimentados, e mestres de navegação, convidando-lhe sua fama estrangeiros ilustres de quasi tôdas as nações da Europa que vieram oferecer-se em seu serviço: fez com elles o seu Paço uma escola de estudos e applicações matemáticas, e um Seminário de geógrafos, de astrónomos e de náuticos», etc., — mas que o ponderado Cardeal Saraiva, no primeiro têrço do século XIX, ainda fôsse levado a falar desta maneira: «Não se pode duvidar, que para o rápido e progressivo aumento, que a marinha portuguesa tinha já adquirido por todo êste século (XV), concorresse mui poderosamente a *Escola de Sagres*, fundada pelo Infante D. Henrique, e a ardente paixão, que êste grande Príncipe mostrava, tanto pelo adiantamento das ciências matemáticas, cosmográficas e náuticas, como pelos descobrimentos marítimos, que começou e continuou por tôda a sua vida com a perseverança mais heróica, e com os efeitos que todo o mundo sabe e admira. Nesta Escola se inventavam, fabricavam e aperfeiçoavam os instrumentos náuticos necessários à navegação. Ali se faziam, e ensinavam a fazer observações astronómicas para regular e rectificar o curso dos navios, e para verificar pelo cálculo das latitudes e longitudes as paragens em que se achavam e os rumos que deviam seguir. Ali se projectaram as



primeiras Cartas hidrográficas (...). Dali saíram os hábeis cosmógrafos que em tempo de D. João II aperfeiçoaram o astrolábio e fizeram tabuadas para se navegar pela altura do sol. Ali enfim se trabalhava incessantemente nos estudos da arquitectura naval, e em melhorar e aperfeiçoar a construção e a manobra dos navios (...)! »

Em 1871 ainda a lenda imperava, como se pode ver pelo que se encontra na *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal*, de José Silvestre Ribeiro, quando trata da *Academia de Sagres* a que consagra um substancial capítulo... Ribeiro, reincide ainda na versão, oriunda de Barros, como vimos, de que «a vila teve primeiramente a denominação de *Tersanabal*, ou *Tercena Naval*: recebeu depois o nome de *Vila do Infante*, e ultimamente o de *Sagres*»; e acreditando a divagação filológica de D. Francisco Manuel quanto à origem do nome *Terçanabal*, acaba por reeditar a conclusão do ilustre gongórico: «Em todo caso, o nome que primeiramente se deu àquela povoação revela a ilustração do espírito do fundador, e indica desde logo os intentos de quem a edificava». «Teve depois a denominação vulgar de *Vila do Infante*, como era natural, visto ser criação e feitura do Infante D. Henrique, denominação com que os portugueses lisongeavam delicadamente o ilustre fundador, ou que ele próprio dava à sua povoação». Ribeiro combinava assim o que lera e citava de Zurara — («E pero que à dita vila chamassem alguns ou-

tros nomes, eu creio que o seu próprio, segundo a tenção daquele que a mandou fazer, era que se chamasse a *Vila do Infante*, que ele mesmo assim a nomeava em suas palavras e escritos») — com o que aprendera em Barros e Góis...

E todavia... Góis, como guarda-mor da Torre do Tombo, não deixara talvez de ter conhecimento de certo documento fundamental... — documento que o sério historiador Fr. Francisco Brandão, em 1572 mostrava ter já considerado, quando na sua continuação da *Monarquia Lusitana* escrevia: «O Infante D. Henrique (...), principal autor das navegações e conquistas deste reino, como tão aplicado às matemáticas e náutica, na vila que fundou no Algarve, no lugar chamado *Terçanabal*, a que deu nome Vila do Infante, edificou a igreja de Santa Catarina, em particular, para que os mareantes, que ali morressem, fôsem enterrados no cemitério dela».

E todavia... em 1844, João Baptista da Silva Lopes, na 24.<sup>a</sup> das notas que após à publicação do texto, com a sua tradução portuguesa, da «Relação da derrota naval, façanhas, e sucessos dos cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa no ano de 1189, escrita em latim por um dos mesmos cruzados», dera a conhecer na íntegra o aludido documento: a carta que o seu amigo e colega Francisco Adolfo Varnhagen descobrira na Torre do Tombo, que ali se achava, em uma colecção de documentos ou papéis anexos ao testamento do Infante D. Henrique. Como a nota



em questão fôra suscitada pela nota que em latim o editor italiano pusera ao nome *Carphanabal* com que começava a enumeração, pelo cruzado, dos castelos de que os cristãos se haviam apoderado depois da tomada de Silves — («*Terçanabal*, hodie Sagres, et est vicus ad caput Sancti Vincenti») — Silva Lopes, reparando em que os ditos castelos «são mencionados na direcção de Oeste para Este», considerando as notas explicativas do editor, e abonando-se com as indagações pessoais suas e as informações de pessoas «que têm vivido e vivem por aquêles sítios» do Algarve, concluiu: «A semelhança de *Carphanabal* com *Terçanabal* nos induz a crer que esse castelo era no sítio em que o ínclito Infante D. Henrique fundou depois a sua célebre *Vila Nova do Infante* na Angra de Sagres; pois ainda que o erudito D. Francisco Manuel na Epanáfora 3.<sup>a</sup> pag. 314, diga que o nome de Terçanabal lhe fôra pôsto pelo Infante, e explique a sua origem e significação, não é contudo bem fundada a sua opinião, visto que na mesma carta em que este magnânimo príncipe dá a espiritualidade dessa vila à Ordem de Cristo de que era Governador, feita aos 19 de Setembro de 1460, declara elle ter fundado esta sua vila *no outro cabo que antes do dito cabo de Sagres está aos que vêm do ponente para levante, que se chamava terça naball*». E acrescentava: «Desta carta se vê que já antes da fundação da vila existia o nome de *Terçanabal* dado ao cabo hoje chamado a *Ponta de Belixe*» (...).

Meio-século justo teve de passar-se antes que a elucidação trazida por Silva Lopes desse o fruto devido; pois foi só em 1894, por ocasião do 5.<sup>o</sup> centenário do nascimento do Infante, que appareceu o artigo capital do general Brito Rebêlo sobre *A Vila do Infante* (em *O Ocidente* de 11 de Março), dando o golpe de graça na fantasmagoria...: é que Brito Rebêlo revelava um outro documento que descobrira — a carta régia de 26 de Outubro de 1443 — do qual se inferia, pela autorização só então pedida e concedida para a fundação da vila, que esta não fôra fundada nem em 1415, quando o Infante voltára da conquista de Seuta, nem em 1419, quando voltára do descêrco, mas sómente «passados alguns anos depois de Seuta ser tomada e El-Rei seu padre finado» (†-1433), conforme Duarte Pacheco escrevera no seu *Esmeraldo*. Brito Rebêlo, seguindo Silva Lopes, observava: «*Terça nabal* era o nome, já corrompido, do local onde o Infante fundou a sua vila, e não pode ser outra coisa senão o ponto que o cruzado, autor da *Relação* já citada, estropiou em *Carphanabal*, e naturalmente o *Portus Annibalis* de Pompónio Mela, que o coloca entre *Lacobriga* (Lagos, e o *Promontório Sacrum* (Cabo de S. Vicente). O final da palavra, contém, sem dúvida alguma) o nome do célebre general cartaginês...» Brito Rebêlo tão dócilmente seguia porém Silva Lopes que... caiu no mesmo êrro deste, quanto à identificação de *Terçanabal*, escrevendo que parecia ser, segundo Silva Lopes, «a *Ponta de Belixe*, ou



o *pontal gordo*», — a inovação de Brito Rebêlo na matéria, pois Silva Lopes nunca falára do *Pontal Gordo*.

Definitivamente se encontrava agora liquidada a fantasia architectada, por via filológica, a partir do erro fundamental que se insinuara na versão de Góis: — a fundação da *Vila do Infante*, assim denominada pelo seu fundador, obedecera a um intuito piedoso e humanitário, nada tendo que ver com o início ou progresso científico da navegação e descobrimento da Guiné e da Índia; e fôra feita, segundo a mesma declaração do Infante, no cabo chamado *Terçanabal*, um cabo na região de Sagres, junto de uma angra com pôrto de desembarque, acima do qual edificara uma igreja com seu cemitério, para acudir, aos navegantes arribados, na vida e na morte.

A *tercena-arsenal*, o *observatório*, a *escola náutica* e o próprio *palácio* evaporavam-se assim, naturalmente; e tanto mais quanto nada disso continuara em Sagres depois de defunto o Infante. Lagos fôra reconhecida como o centro da navegação henriquina no Algarve, a morada do Infante na sua Vila havia sido accidental, e, a par de Lagos, a Raposeira aparecia como sitio mais preferido...

A localização da Vila, ou seja a identificação do *Terçanabal* é que ficára incerta, optando uns pelo próprio *cabo de S. Vicente*, outros pela *ponta de Belixe*, outros pelo *pontal gordo* — enfim, mais ou menos todos, por qualquer região promontória a poente de Sagres, — raros sendo os que, com

base na interpretação meramente do texto da carta infantista, se inclinavam para a *ponta* ou *cabo de Sagres*. Outros ainda, por um especioso *distinquo* figuraram-se a existência de duas vilas: uma, a *Vila do Infante*, fundada sobre o *Terçanabal*, vaga região contigua ao *pontal gordo* e à *ponta de Belixe*; a outra, sobre o actual cabo ou ponta de Sagres, a *Vila de Vila do Infante*, continuada pela actual *vila de Sagres*.

Encontrava-se a questão neste pé, quando, em consequência de uma excursão accidental a Marrocos — (tendo visitado, além de Tânger que eu já conhecia, as principais cidades da zona espanhola: Ceuta, Tetuão, Xexuão, Arzila, Larache, Alcácer-Quibir, passando no mar por diante de Alcácer-Ceguer) — em Março-Abril de 1932, a minha atenção foi chamada para o Infante D. Henrique, seus feitos, sua vida, sua misteriosa psicologia. E, inevitavelmente, a questão de Sagres veio à tela da crítica... E, coincidindo o meu interesse com o de um amigo que me pedira certos esclarecimentos para um estudo que trazia entre mãos, o malogrado e ilustre Comandante Abel Fontoura da Costa, — o estudo circunstanciado que publicou no n.º 1 do *Arquivo Histórico da Marinha* (Lisboa, 1933): «*Vila do Infante*, antes *Terça nabal* e *Sagres* depois», — reunindo a documentação livresca essencial na matéria, resolvi ir ao Promontório Sacro estudar a questão *in loco*.

Devo dizer que da reflexão crítica sobre o que lera, interpretando os textos com os dados da



experiência alheia — dos conhecedores da região, inclusive os humildes marítimos da minha localidade, que têm levado a vida a navegar, passando pelo Cabo de S. Vicente, — eu chegara logo à conclusão seguinte: a Vila do Infante e Sagres são duas povoações distintas com a diferença de... serem a mesmíssima coisa; esta povoação única foi sempre dispersa dentro da área de uma légua, e não foi em S. Vicente nem no Belixe, mas tendo como base a angra de Sagres propriamente dita, sobranceira à qual se edificou a fortaleza que a defende. A *Escola de Sagres*, o arsenal, etc., etc., continuavam a não passar da lenda fantasiada que Brito Rebêlo justificara.

O resultado da minha peregrinação fundamental consignei-o, além de em carta particular àquele meu eminente amigo, em uma série de oito artigos publicados num extinto *Diário do Algarve* (de 4 de Março a 18 de Abril de 1933), artigos corroborados, corrigidos e ampliados por 13 outros num também já extinto jornal, de Lisboa — *Diário Liberal* — (de 4 de Julho a 13 de Dezembro desse mesmo ano), e que, por sinal, determinaram controvérsia rija, mas pacífica e... civilizada naturalmente, com o eminente espírito crítico que é o Dr. Duarte Leite.

Resumindo o que então escrevi, direi o seguinte:

O Infante D. Henrique teria sabido, e, em suas porventura freqüentes excursões pelo Promontório Sacro, teria mesmo, decerto, visto aquilo que

na sua referida carta consignou: o facto freqüente da arribação forçada a Sagres; e, para acudir a essa gente desamparada de providências naquela região, determinara fundar ali uma vila. Assim, escolheu o cabo que se encontrava a poente daquele onde a arribação forçada se fazia, e aí fundou uma vila fortificada e abastecida de água e mantimentos, edificando ao mesmo tempo, fora da vila, mas acima do pôrto de desembarque, uma igreja com cemitério anexo onde pudessem ser enterrados cristãmente os que, falecendo enquanto arribados, eram dantes lançados pelas barrocas e outras praias da desolada região. O cabo escolhido tinha já o nome de *Terçanabal*, e a esta sua vila do Terçanabal pusera êle próprio o nome de *Vila do Infante*.

Dada a natureza, situação e meteorologia da região do Promontório Sacro, — na qual se distinguem duas regiões promontórias, ou seja, dois cabos globais: Sagres e S. Vicente —, e dado o facto de em 2/3 do ano predominarem ali os ventos do quadrante entre N. e O., — as *nortadas* —, sucede que o grosso da arribação forçada se faz à região de Sagres e não à de S. Vicente. Então, (como hoje), quem dos lados do Mediterrâneo vinha para o Atlântico, ao chegar ao Promontório, era na região de Sagres (a primeira que se lhe deparava) que ficava retido pela nortada, e, só acidentalmente, se surpreendido pela nortada já dentro da grande *enseada de Belixe*, isto é, tendo podido dobrar a região promontória de Sagres, não



